ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Câmara Municipal de Erechim

Poder Legislativo

Processo nº 264/91 Data 05 / 11 / 91

Nome: Vereador CEZAR AUGUSTO CALDART

PROJETO DE LEI LEGISLATIVO Nº 064/91

DENOMINA UM CENTRO SOCIAL URBANO DE NOSSA CIDADE DE "OTTO EDUARDO MULLER".

CÂMARA MUNICIPAL DE ERECHIM
APROVADO
Reunião: 25 NOVEMBRO 19 91
HELLY LUIZ PARENTI - Vice Presidente, em Exercício

DISTRIBUIÇÃO

ENTRADA: 05.11.1991

PROTOCOLO: 05.11.1991

ENCAMINHADO À COMISSÃO DE JUSTIÇA E REDAÇÃO: 05.11.1991

PARECER: CONSTITUCIONAL

SESSÃO ORDINÁRIA: 25.11.1991

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Câmara Municipal de Erechim

PROJETO DE LEI LEGISLATIVO Nº 064/91

DENOMINA UM CENTRO SOCIAL URBANO DE NOSSA CIDADE DE "OTTO EDUARDO MULLER".

01 - Mensagem de Encaminhamento

02 - Justificativa

03 - Projeto de Lei

04 - Documentos do Homenageado (Fotocópias)

05 - Foto da Primeira Turma de Colégio

06 - Paracer da Comissão

Cezar Augusto Caldart
Vereador PFL

CÂMARA MUNICIPAL DE ERECHIM
ENTRADA
Protocolo nº 264/91 Data 05/11/1991
PRESIDENTE

ENCAMINHE - SE À
COMISSÃO DE JUSTIÇA E REDAÇÃO
Em 05/11/1991
PRESIDENTE

CÂMARA MUNICIPAL DE ERECHIM
APROVADO
Reunião: 25 NOVEMBRO 1991
HELLY LUIZ PARENTI - Vice
Presidente em Exercício

DG. 01

002

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Câmara Municipal de Erechim

MENSAGEM DE ENCAMINHAMENTO

Amparado regimentalmente e sob os preceitos da Lei Orgânica Municipal, apresento para consideração plenária, Projeto de Lei Legislativo, versando sobre denominação - de Um Centro Social Urbano em nossa cidade de OTTO EDUARDO MULLER.

Aguardo tramitação normal, e após aprovação do Plenário, solicito que seja enviado uma cópia do presente Projeto de Lei, para a familia do homenageado.

Erechim, RS 23 de Outubro de 1991

Cezar Augusto Caldart
Vereador PFL

OG. 01

Fls. 003

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Câmara Municipal de Erechim

OTTO EDUARDO MULLER, nasceu no dia 05 de Março de 1892 em Hannover, na Alemanha. Chegou ao Brasil em 1912. - Marinheiro, desembarcou em Rio Grande, vindo para Boa Vista do Erechim no mesmo ano, inicialmente trabalhou numa serraria, depois tropeiro, açogueiro e Guarda-Livros.

Tornou-se comerciante em 1914, famosa Casa de Comércio denominada CASA 8. Foi Presidente da Associação Coml. e Indl. de Erechim de 1923 a 1934.

Um dos primeiros Professores, tendo sido nomeado conforme documentação em 29 de abril de 1919.

Foi Presidente da Liga Pró Engrandecimento de - Erechim em 1932.

Foi Conselheiro Municipal de 1924 a 1928.

Foi Suplente de Vereador em 1947.

Faleceu no dia 07 de Janeiro de 1977 com quase 85 anos.

Otto Eduardo Muller participou ativamente da vida pública Erechinense, exemplo de vida e homem sempre voltado que foi para as causas do Progresso e engrandecimento de nossa cidade. Fatos marcantes que acompanham o presente projeto demonstra o quando foi importante para o Município. Fatos escritos por êle e transcrito por seus familiares, fatos contados por êle e transcritos na Revista de Erechim que acompanham o Presente Projeto de Lei, é de leitura obrigatória por todos Erechinenses, pois demonstram a capacidade e a fibra deste - grande homem e que as transmitiu aos seus descendentes.

Cezar Augusto Caldart
Vereador PFL

DG. 01

Fls. 004

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Câmara Municipal de Erechim

PROJETO DE LEI LEGISLATIVO Nº 064/91

DENOMINA UM CENTRO SOCIAL URBANO EM NOSSA CIDADE DE " OTTO EDUARDO MULLER ".

Artigo 1º - É dada a denominação a um Centro Social Urbano em nossa Cidade de " OTTO EDUARDO MULLER".

Artigo 2º - O Centro Social Urbano, localiza-se na Rua Antonio Zuchi, s/nº esquina com a Rua João Paulo I, no Bairro Presidente Vargas.

Artigo 3º - A placa indicativa no Centro Social Urbano, bem como impressos e outros documentos, conterão os seguintes dizeres: CENTRO SOCIAL URBANO - "OTTO EDUARDO MULLER".

Artigo 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Artigo 5º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Erechim, RS 23 de Outubro de 1991

Cezar Augusto Caldart
Vereador PFL

DG. 01

Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria de Estado dos Negocios das Obras Publicas
Commissão de Terras e Colonisação de Erechim

005

S. Vista, 29 de Abril de 1919.

Fica nesta data nomeado professor da aula subvencionada no "Dessio Becker" o Snr. Otto Eduardo Müller

Chefe da Commissão
Raul Calos

Mod. da Alm. 9465

Hoffstetter.

Aos onze dias do mez de Dezembro do anno de 1920, no edificio onde funcciona a escola acima referida, na linha 1, secção Paul Grande, (Parada Becker) ahi presentes os srs Miguel Reinert, Carlos Ernesto Wrege e Jacob Hoffstetter, membros da commissão examinadora, foi iniciado os trabalhos do exame pela verificação de matricula e procedendo-se a chamada verificou-se terem comparecido 18 alumnos, isto é, todos os matriculados. Pelo sr. Miguel Reinert, foi então examinados os alumnos cada um de per si, e de accôrdo com a commissão, foi approvado

[illegible] os alumnos

também adiantamento notado foram approvados plenamente os alumnos. Delfino Schwantes, Arthur Hofstetter, Othilia Lenke, Frida Schwantes, e Olbino Lenke. Resolveu por isso a Commissão dar por terminado os trabalhos, lavrando-se a presente acta em a qual ficou tambem resolvido fosse registrado um voto de louvor ao respectivo professor, pelo zelo e methodo que adopta resultando por isso o aproveitamento notavel que se verifica em seus alumnos. Eu Carlos Ernesto Wrege, servindo de secretario da mesa a subscrevi

Miguel Reinert

Jacob Hoffstetter

Carlos Ernesto Wrege, Secr.

906

Fls. 007

HISTÓRICO DA VIDA DE OTTO EDUARDO MULLER

Nascido em 5 de Março de 1892, Hannover - Alemanha. Filho de Augusto e Maria Muller. Faleceu em 07 de Janeiro de 1977 com 85 anos de idade. Em Hannover, onde nasceu, permaneceram a mãe viúva e os irmão Cristiano, Arthur, Frederico, Guilherme, Lourenço, Carlos e uma irmã Wilma, que por longos anos mantinha correspondência com Otto, dando notícia dos familiares que lá ficaram.

Transcrevo abaixo o histórico das viagens e vida do pioneiro *Otto Eduardo Muller*, até chegar ao Porto de Rio Grande, escrita por ele mesmo.

De novembro de 1908 a junho de 1909, Cadete de Navio Escola (a vela). De junho a novembro de 1909, como marinheiro pescador de Harenques em Navio a vela, tripulação composta de 14 homens, pescando no Mar do Norte, do Canal da Mancha até o norte das Costas da Escandinavia - De novembro de 1909 até junho de 1910, segunda vez matriculado como Cadete em outro navio Escola (N.P.), para completar os estudos praticos e de navegação - De junho de 1910 até novembro de 1910, pela segunda vez como pescador no Mar Norte, abordo do mesmo barco (Consul-Vahls),tripulado por 14 marinheiros, sob o mesmo comando do ano anterior. Em 29 de Novembro de 1910, incorporado na tripulaçao do Navio Norueguês (D S Christian Michelson), propriedade e Séde no Porto de Berger-noruéga. Toma parte numa viagem que toca a quatro Continentes, Europa, Africa, Asia e Australia. Faz a volta completa ao redor da Africa, visitando muitos portos, nos principais da rota, estadias de alguns dias para carga e descarga. - Assim, tendo oportunidade de observar gente e vidas, costumes nas Colônias de Portugal, França, Holanda, Inglaterra, Alemanha e Itália.

008

Em portos da Costa Africana, verficou-se o costume de transportar passageiros e bagagens em carros aranha puchados por homens. Negros robustos, altos e muito fortes, pintados e enfeitados com plumas e fitas, disputando cargas e passageiros.

Num passeio quando ancorados no Porto de Durbam, aos arredores da cidade, montados em carros, tipo aranha, constatou-se força e resistência aos negros naquela zona. No carro dois ou três passageiros com algum peso acrescido por apetrechos para piquenique, vasilhames e comestíveis; a trote, intercalado de galope e quando a estrada é plaina a disparada, verdadeira carreira. Nas descidas estes homens sem cansar, transportam passageiros e cargas a distâncias enormes. No passeio aqui contado venceu-se uma distância pouco mais de 20 Km. Homens semi-nus, vestidos apenas com um pano feito calção, descalços, ricamente pintados nas faces, no peito braços e pernas, com rodelas de plumas, apenas de aves, corôa de penas sobre a cabeça, estes homens são fortes e ligeiros como cavalos, e se disseram satisfeitos por ser essa a profissão deles, lá um previlégio para poucos de boa indole já acostumados servir cortesia e boas maneiras aos Europeus.

Outro Episodio Africano:

Num porto ou no outro, pode ser East-London, ou Baira Durbam Marquês, qualquer um dos muitos nas Colônias Europeias entra um navio. O Christian Michelson referido, de mais de 8 mil toneladas. Tripulação de 37 homens, foi carregado e descarregado nos portos de escala por sua própria tripulação, manejando guindastres improvisados nos mastros e tocados pelas proprias máquinas. A carga, volumes grandes e pequenos, pousados e levados nas costas dos homens africanos. Entrando no porto, fazendo

Fls. 009

ecoar o apito estrondoso, dando sinais, e após algumas manobras, atraca num trapiche vagabundo ou deita ancoras perto quanto mais perto da terra. Não demora aparece a turma dos estivadores africanos.

Conforme anunciado o serviço de carga, são conduzidos abordo um grupo de 100 a 200 homens. Descalsos sem chapéu, vestidos simplesmente com um pano que raramente exede a meio metro quadrado. Todos trazem na mão uma tata, do tamanho destas de 2 Kg de conteúdo, munidos de um arco de arame simples. Tal lata, unico instrumento para receber duas vezez por dia da cozinha de bordo os alimentos simples e misturados (arroz com passas). Duas refeições, uma de manhã outra a noite. Durante o dia nada mais além de água. Chegam e saem em grupos enfileirados, acompanhados por seis a dez capatazes, isto é, policiais recrutados entre eles mesmos, estes armados com fuzis, pistolas e cacetes ou chicotes conforme o lugar. Tudo isto chefiado e dirigido por dois a seis brancos europeus na maior parte das vezes inglêses, estes bem armados. Nas colônias européias situadas na Africa, o sistema era descrito quase sem variação. Outro fato observado, grupos de 50 a 200 detentos, condenados a trabalhos forçados. Trabalhando nas escavações, estradas, canais ou construções, feitas na estrada de ferro sob forte escolta policial africana, isto é, negros fortemente armados, com fuzis embalados e chicote de rinoceronte, comandados por um europeu que tem dois ou três europeus como auxiliares. A maioria dos detentos apresentam sinais de queimaduras, costume de marcar os indivíduos com ferro em braza, assim constatamos muitos homens com diversas marcas do tamanho das usadas na marcação de animais, observamos alguns homenscom marcas na testa, nas faces e os mesmos homens ainda com marcas nos braços pernas e peito. Horrivel e incrédulo, mas veridico. Seguindo a viagem, passamos pelo porto de Colombo, na ilha de Seylon, no Oceano Indico bravíu, paraíso dos tubarões. Visitando as Indias e outros paises Asiáticos num giro no Pacífico, para na volta, carregar pedras de fosfato num

0110

ancoradouro da Ilha Christians - Eilant (Ilha de Natal) no meio das Ilhas Australianas, perto da linha do Equador. Ilha de Coral (Calcárea), num oceano irriquieto sempre perigoso, siclones terriveis. Naquela ilha não existia cais ou trapiche. Havia uma especie de ponte no ar, em boa altura, apoiada num rochedo com muito peso no lado da terra, seguro por colossais ferros na rocha. Sobre trilhos, pequenos carros (trollei) dirigidos por chineses que sabem regular a marcha dos mesmos carros, despejam as pedras de fosfato de uma altura de oito a quinze metros sobre o navio para dentro do mesmo. No começo devagar, sobre arranjos apropriados para defende o choque, depois pedra sobre pedras caem do alto dos trollei, para dentro do vapor. Singular nesta ilha, operários dois mil e tantos chineses, capatazes algumas duzias são japoneses. Diretores e auxiliares, encontramos quatro inglêses. Em toda a ilha não tinha dez mulheres. Numa casa habitavam poucas mulheres que servem e divertem todos estes homens. Japoneses habitam suas casas separadas, distantes dos chineses. Uma boa distancia mede entre as belas e conforveis casas dos ingleses e dos outros. As instalações dos ingleses são luchuósas, rodeadas de jardins e coqueiros carregados de boas frutas.

Num campo de futebol praticavam o jogo num domingo. Grande parte das Tuparijós andavam se intertendo na ilha freqüentando um pequeno bar onde encontravam-se poucas mulheres, bebendo e dançando. Em dois aproximamo-nos dos jogadores, passando encontramos num lado do campo de jogo, pouco distante as habitações. Em redor jardins e coqueiros, nos caminhos letreiros, entrada proibitiva, transito proibido, apanhar frutas proibido. Observando e apreciando eis que surge um imprevisto. De um caminho lateral aparecem dois personagens, um brabame (indú) policial, um chinês. O Chinês algemado, mãos as costas, algemado por uma feia corrente de metal. As pernas algemadas por uma maneia de ferro, de maneira a não permitir passos, nas locomoção de movimento dos pés de espaços não exedentes do comprimento

Fls. 011

os pés. O policial ao passar perto onde estavamos, gritou e chingou o hinês, que visivelmente fazia o possivel para locomover-se as vezes pu-ando. Acontece de repente, gritos e um palavratório incompreencível, dan-o empurrões e cacetadas o policial derruba o chinês algemado no chão, co-ençando uma surra de cacetete que parecia interminavel. Muda em breve o uadro, não se contendo um outro, um dos dois espectadores, cai sobre o olicial, derrubando-o a soco, e tira das mãos dele o cacetete e aplica ele tanto que nunca há de esquecer. Nova mudança do quadro. Despertados elos gritos do chinês seguidos do policial corriam em auxilio centenas de omens. A frente policiais, o outro espectador tira o companheiro e adver-e-o apontado para os grupos que estavam se aproximando, um olhar uma re-olução, - não se deixar prender.

Uma carreira original, outros perseguidores e perseguidos. té os fleumáticos ingleses, para não perder o espetáculo correram a va-er, até a costa do mar, tinha uma distância em torno de mil metros. Já riumfaram os perseguidos, vendo o mar movimentado por altas ondas, calcu-ando que ninguem se atreveria no meio de milhares de tubarões, atirar-se o mar e nadando alcançar um vapor ancorado distante em torno de mil me-ros. Tendo em frente uma cota alta, rochas sobre o mar, altura de oito etros para mais. Os perseguidores ainda tendo a chance de utilizar peque-os botes, canoas que eses tinham. Por isso "*charivari*" num antegosto riunfal. O fugitivo balançando pró e contra, escolheu em direção reta um ugar mais baixo na costa e demostrou num salto de oito a nove metros, que em rocha, nem mar ou tubarão podem assustar um ex-cadete do mar) Três ca-oas atrás chegam perto, cada vez mais perto, agora sim; porém quando en-ontram-se ao vapor perto, bem perto uns trinta metros mais o fugitivo fez ma saudação, uma careta, e sobe calmamente a escada. Logo os perseguido-es, atrás esbarrando e estacando frente a bandeira norueguêsa, estendida elo segundo piloto do vapor, sobre o bordo e escada. Pouco depois, dois

FLS 012

ingleses subiram a bordo do vapor. Mantiveram-se em palestra amistosa com os oficiais e riram bastante sobre a cena que a eles tanto divertiu. Dois prejudicados, o policial que recebeu a surra e o ex-cadete por castigo, proibição de pisar outra vez naquela ilha " Christians-Eiland".

Ao concluirmos a presente narrativa, para a qual procuramos nos manter na copia fiel do original.

Em proximo bloco ao qual daremos o númer dois, iremos transcrever o que consta no capitulo VI da Revista de Erechim, ns.7-8 de Fevereiro de 1952. Narrativa feita por Otto Eduardo Muller ao radialista Dr. Tobias Fereira Sobrino em gravação, posteriormente transcrita na Revista Erechim, pelo Dr. Wilson W. Weber.

Fls. 013

O VELHO ERECHIM

Texto da Revista Erechim, escrito por Wilson W. Weber

Nr. 7/8 - Fevereiro de 1952.

Capitulo VI

A história dos pioneiros da nossa querida ciadade constitui sempre um motivo de orgulho para nós, porque recordamos coisas e homens do passado, verificamos que os desbravadores de nossa terra foram autenticos heróis. Eles foram verdadeiros pioneiros, homens desassombrados e corajosos que desafiaram com audácia e uma fé inabalável o ser tão impenetravel.

Jamais eles titubiavam. Avançavam sempre confiantes e serenos. Souberam trabalhar a terra, arrancar de seu País todos os frutos, transformando esta zona de nosso Estado um verdadeiro celeiro, numa fonte inesgotável de riquezas.

Aplausos, pois, àqueles valentes que despertaram para um sonho maravilhoso este recanto da terra gaúcha. Palmas aos antigos moradores do distante Paiol Grande, que ergueram com sacrifício, com lutas, com destemor e com um formidavel espirito costrutivo, a nossa cidade, a cidade dos Erechinenses.

A história que iremos contar é a história de três homens, vindos de lugares diversos e que um dia se encontraram levados pela mão do destino e juntos vieram para o antigo *Paiol Grande*. Narramos esta história que nos é relatada por *Otto Eduardo Müller*, pessoa vastamente conhecida em nossa ciade. Tudo se passou assim:

Um dia no mês de Maio de 1912, no Porto de Rio Grande, três homens travaram relações. Eram eles Tribulack, um japonês, Paulo Kum-

Fls 014

pelt, um austriaco da Bohemia, e Otto Eduardo Müller, Hannover, capital do antigo reino, atualmente provincia da Prússia. Tribulack, o primeiro deles, era um autentico imigrante europeu, e que propositadamente veio para o Brasil. Paulo Kumpolt, o segundo, esteve cinco anos antes na República Argentina, onde inicialmente foi carpinteiro nas construções de cimento armado a cargo da firma WEISS & FREITAG e depois foi capataz, auxiliar de engenheiro e finalmente engenheiro e empreteiro. Esteve na Patagonia, voltando depois para Buenos Aires. Já conhecia todas as provincias argentinas. Na capital portenha, ouviu falar em imigração para o Brasil e imediatamente arrumou sua bagagem e veio para nosso território.

Otto E. Müller, o terceiro, chegou às portas do Rio Grande do Sul, como autêntico marinheiro. Era um ex-cadete de um navio-escola. Um navio a vela. Aportou na cidade marítima como piloto a bordo de uma escuna com dois mastros. Era um barco que registrava trezentas toneladas, representando de dez a doze vagões de estrada de ferro. Este barco era tripulado por seis homens, entre os quais figuravam dois rapazer de quinze a dezesseis anos e um cozinheiro. A travessia do Atlantico, desde Cadiz, na Espanha, ao Rio Grande, durou 56 dias, o que constitui verdadeiro record, pois outros navios a vela levavam naquela época, de setenta a cento e vinte dias para percorrer o mesmo trajeto. Naquele tempo, era grande o número de navios que faziam transporte de sal entre portos. Este pequeno barco tinha o nome de Cleus Dreyer e touxe sal para as charqueadas, descarregando no porto de Pelotas. No regresso, o barco deitou ancoras em Rio Grande, aguardando oportunidade de atracar e ser fretado.

Foi nesta ocasião que se verificou um incidente entre os dois pilotos do barco. Formulou-se então dois partidos. O comandate estava do lado de um e o cozinheiro do lado do outro piloto. Diversas pessoas estranhas que se encontravam ali, inclusive um comandante sueco, envolveram-se no caso que degenerou em conflito, determinando que o segundo piloto

Fls. 015

edisse demissão.

O segundo piloto, que era o terceiro personagem desta his-
ória, o *Sr. Otto Eduardo Muller*, após um rápido processo perante as auto-
idades consulares, pagou a multa de 45 marcos, obtendo desta forma ganho
e causa e pode abandonar o navio sem qualquer embaraço. No dia 15 de Maio
o ano de 1912, aqueles homens se reconciliaram e todos festejaram juntos
despedida de Otto E. Muller e de Muhlbauer, o cozinheiro que era ex-cabo
a marinha de guerra e que logo encontrou emprego num rebocador.

Otto Eduardo Muller, entretanto, preferiu encerrar sua
arreira de marinheiro, que constitui uma verdadeira odisséia. Já conhecia
odo o mundo. Os portos nórticos da Rússia e Escandinavia, os canais da
ancha, Suez e Kaiser Guilherme, todo o litoral Africano, Ceilão as índias
rientais, as Ilhas Australianas os estreiros de Gilbraltar e Malaca, en-
im, todos os portos da Europa, Africa, Asia, Australia e América.

Resolveu então conhecer a cidade de Rio Grande e dali a
ão do destino o trouxe para o antigo Paiol Grande e aqui ainda permanece,
erecendo a estima dos erechinenses.

Em Rio Grande, Otto Muller, encontrou-se com Paulo Kumpolt
a convite deste acompanhou um transporte de imigrantes entre os quais se
chava o polones Tribulack. Em Pelotas, o navio atracou e fizeram um demo-
ado passeio para conhecer a cidade.

Ficaram alguns dias em Porto Alegre; até que chegou o dia
e viajarem para Paiol Grande. Iniciaram de trem uma longa viagem cheia de
eripécias, nada agradável, pois os passageiros a mais superlotavam os
arros. Pernoitaram em Santa Maria e Passo Fundo, dormindo sobre palhas de
rigo no chão, em espaçosas peças, gente de toda espécie, grandes e peque-
os, *homens e mulheres. Os dias passavam céleres, as vezes alegres e di-*
rtidos. Parecia uma grande família em movimento, numa grande festa de
samento ou romaria. Finalmente chegaram à Sede do oitavo distrito, que

Fls. 016

era onde hoje se acha a cidade de Getúlio Vargas. A composição despejou a sua carga, um verdadeira onda humana.

Nos primeiros dias as acomodações destinadas aos imigrantes, eram muito pequenas para abrigar tanta gente, mas pouco a pouco, tudo foi melhorando.

No segundo dia, os nossos três personagens conseguiram informações sobre o escritório de colonização, que sempre estava repleto de homens anciosos por notícias. Muitas perguntavam: "- *Onde estão as terras? Que cor elas tem?*". Outros indagavam: "- *Há água suficiente, tem mato, tem estrada, tem casa de negócio por perto?*". Uma infinidade de perguntas mais, corriam de boca em boca. No dia seguinte coseguiram saber tudo o que necessitavam. Então começaram a estudar mapas de terras disponíveis, umas parceladas, outras por serem exploradas e, pelos engenheiros divididas em lotes. E nossos três personagens iniciaram sua longa jornada.

Paulo kunpolt, Tribulack e Otto E. Müller compraram as provisões necessáiras e meteram o pé no mundo. Sem guia, nem mapa, apenas munidos de uma pequena bússula. Otto começou a marchar em direção ao Rio Toldo, onde por uma picada a esquerda, apesar das encruzilhadas, acertaram o rumo e o lugar denominado Capo-Ere.

Ali, na casa comercial do Sr. Derl, boa água uma cerveja melhor. Colheram boas informações. Foram informados de que Paiol Grande estava perto, apenas uns vinte e dois quilometros de distância.

Mochila às costas, cobertores enrolados nos obros, espingarda nas mãos, lá se foram. Em determinao trecho, houve um contra tempo. Começou a escurecer e uma chuvinha renitente começou a descer sobre suas cabeças. Paiol Grande estava perto, mas chuva começa a engrossar... tudo escurece completamente, somente surgem os trilhos brilhantes diante de seus olhos. Mas eles avançam confiantes, com vontade, com ânimo, com esperança. Passo a passo. De longe avistam uma luz. Uma casinha iluminada. Ba-

Fl. 017

tem, e Paulo Kunpolt pergunta:

- Oh de casa! Somos amigos. Queremos pouso.

- Não há lugar amigos, somente ali.

- Obrigado.

Dirigiram-se para o lugar apontado. Trata-se da cobertura de um forno. Apenas quatro ou cinco metros, nada mais, totalmente aberto, para todos os lados. Agradecem a boa vontade e continuam.

Voltam para o meio dos trilhos e avançam, pouco adiante, Tribulack diz para Paulo:

- Não posso mais, vamos parar.

Todos concordaram. Deitam-se ali no meio dos dormentes. As mochilas serverm de travesseiro. E adormecem dois, enquanto fica um de guarda para que algum trem não os venha pegar em pleno sono. De vez em quando um deles acordava com o aviso: "- Companheiro, agora é sua vez."

A chuva continuava ... a escuridão era completa. De repente, Tribulack e Müller são epurrados bruscamente e caem numa valeta. Depois Paulo, que estivera de guarda, explicou que cochilara um pouco e o trem arrastara com todos eles, mas em virtude da posição em que se encontravam não foram lastimados.

Pouca coisa perderam nesta ocasião. Um garrafão de vinho. E ficaram um pouco menos limpos. Juntaram tudo quanto lhes pertencia e novamente deitaram até o amanhecer.

No dia seguinte prosseguiram viagem, satisfeitos porque o dia estava maravilhoso, com um belo sol. Ao dobrar uma curva, avistam algumas casinhas e um pouco mais adiante uma estação.

Todos os três gritaram entusiasticamente: "-Viva Paiol Grande!"

Numa casa alguem abria uma janela e portas. Nossos três heróis entraram e descançaram um pouco. Aquela casa era uma venda dos bons

Fls. 018

empos e que pertencia ao Sr. Osório de Quadros. O viajantes olharam e ad-
iraram as terras em redor, as quais não lhes pareciam muito convidativas,
elo aspecto de mato baixo, entremeados de pinheiros. Mas estavam conten-
es por terem chegado a Paiol Grande.

Começaram os três a procurar informações sobre as terras
e Paiol Grande. Foram informados da existência de terras devolutas em me-
ição bem por perto do lugarejo. Eram as primeiras colonias de Dourado,
erto da fábrica de cerveja dos Balvedi. No vale que começa da estrada de
erro e passa por perto da casa da familia Massignan. Este vale ficou po-
oado por alemães, tomando o nome de "VALE DOS BÁVAROS". Obtiveram uma boa
nformação da existência de um planalto, com boa água, mato alto e fecha-
o, onde uma turma estava em seviço de exploração e onde havia um enge-
heiro ecarregado de atender os imigrantes. Colhendo informações de erva-
eiros e tropeiros, resolveram dirigir-se aos rios Susana e Dourado. Se-
uiram o caminho mais certo, a estrada de ferro. Na altura da parada
ecker, havia uma picada que demonstrava evidentes sinais de trânsito.

Entraram por esta picada e caminharam horas e encontrando
penas duas moradias. Uma do Sr. Liebick e outra de João de Chimenes. Nes-
e caminho, encontraram muitas cobras, mas eles sabiam matá-las com bas-
ante maestria.

Encontraram aqui e ali alguns ervateiros. Conversavam com
s mesmos. Acolá descançavam um pouco. Bebem água cristalina. Depois con-
inuam a marcha.

No dia seguinte, encontraram o acampamento de engenheiro
hefe da medição, e reservam três lotes, um para cada um. O engenheiro os
tendo com solicitude e lhes dá uma carta de recomendação ao chefe de Co-
onização de Erechim. Tudo lhes ia muito bem.

Tribulack, o mais velho dos três, entretanto, adoece. Tem
s pés inchados e não pode regressar com seus companheiros. Fica ali em

Fls 019

ompanhia de boa gente. Otto Eduardo Müller e Cumpolt, reiniciaram a mar-
ha de volta, anciosos de chegar a Paiol Grande naquele mesmo dia, afim de
lcançar o trem que deveria chegar ali naquele dia, dentro de pouco. Nova-
ente caminham. Sentem sede, não descançam para saciar a sêde que os mar-
iriza, porque não podem perder aquela condução. Mochilas, cobertores e
rmas pesam em dobro. Uma carga que de minuto em minuto parece pesar cada
ez mais. O sol torna-se abrazador. Eles tem o relógio na mão. Oito minu-
os, um quilometro. Assim avançam, o sol castiga.

Um pouco adiante, encontram água. Não resistem. Bebem ra-
idamente e continuam. Afinal aparece Paiol Grande. Tomam gazoza na casa
e Osório de Quadros. E minutos depois encontravam-se no trenzinho - "O
agabundo do Manéco."

evista Erechim nr. 5-10. Abril-Maio de 1952.

ilson W. Weber - Capítulo 7

Aqueles homens que desbravaram o nosso sertão, escreveram
a crônica de nossa querida terra páginas verdadeiramente heróicas, e que
uitos antigos moradores ainda relembram com intensa saudades.

Criaturas que vieram de muito longe, de outros continen-
es, estranhos ao meio, tiveram a firmeza e a força de vontade de saber
nfrentar todas as dificuldades, com galhardia e despreendimento.

Os bravos imigrantes estrangeiros, ombro a ombro, com os
alentes filhos da terra, venceram todos os obstaculos e marcharam resolu-
os e orgulhosos, desconhecendo perigos de qualquer espécie.

Assim eles fizeram. Anonimamente trabalharam. Seus braços
ultivaram a terra dadivosa de Paiol Grande, arrancando do solo a riqueza

Fls. 020

os frutos. Abriram picadas, rua e praças. Levantaram casebres, ranchos, asas e prédios. E num trabalho constante e inteligente, nos legaram um atrimônio muito grande e bastante significativo.

Graças ao trabalho de encorajamento de muitos imigrantes, heios de esperança e audacia, muitos colonos permaneceram em nossa terra. ntre os líderes deste movimento destacaram-se os senhores Otto Eduardo uller, Paulo Kumpolt e Tribulack, estes três personagens que por uma de- erminação do destino vieram para cá, assunto que já retratamos no capitu- o, anterior. Estes três homens muito se esforçaram no sentido de conse- uir transporte para os imigrantes. Os tropeiros naquele inverno chuvoso e 1912, porém, sempre se recusavam para este serviço. Apresentavam sempre mesma desculpa, a chuva, o mau estado das picadas.

Um dia, entretanto, apareceu o sonhado transporte. Angelo oleto, pessoa vastamente conhecida em nosso município. Um homem experi- entado e que conhecia perfeitamente todos os labirintos das clareiras, as picadas e aqueles estritos caminhos que levavam ao interior do antigo aiol Grande.

Carregou-se então a bagagem. Duas moças, filhas de Tribu- ack, montam pela primeira vez a cavalo. Nas cestas, penduradas numa can- alha sobre o lombo de um animal, colocam-se as crianças pequenas, Tribu- ack e sua Senhora também montam. Paulo Kumpolt e Otto E. Muller também rovidenciam para a viagem. Este ultimo tem um cavalo de sua propriedade, m animal fogoso e de pelo tubiano. Uma viagem a cavalo é coisa agradável, ara aqueles, que estão acostumados, mas para aqueles imigrantes que mon- avam pela primeira vez, e que tiveram de andar por picadas esburadas, es- reitas, cheias de troncos e pedras, aquilo era doloroso.

Quanta surpresa, quantos cuidados e sustos, quantas lágri- as rolaram, durante esta viagem, dos olhos das pobres mães. Que santo he- oismo o destas mães, que em busca de um porvir melhor para seus filhos

Fls. 021

assaram por estes sacrifícios. Gloria a estas mães dos filhos da "Capital
o *Trigo*", do nosso querido Erechim, porque elas também contribuiram, com
na grande parcela, para o engrandecimento de nossa terra.

Passo a passo a tropa avança. O tropeiro é atencioso e
uidadoso. Paulo Kumpolt que fala espanhol e italiano entende-se as mil
aravilhas com Angelo Poleto, o tropeiro. Depois de algumas horas de via-
em torna-se necessário endireitar as cargas e apertar os arreios. Algumas
ezes são obrigados a retirar dos estreitos caminhos os troncos de árvores
igantescas, abrir caminho no mato, que cortava as roupas, martirizava o
orpo dos peregrinos.

"*De vagar se vai longe*", diz o ditado, e a tropa confiante
este adágio continuava a marcha sob o sol alto e quente. E depois vem a
huva incômoda e que dificulta o avanço dos animais.

Agora, porém, os imigrantes aproximam-se do rio Susana nu-
a picada volteada e estreita e ainda com muito declive. Os Homens apeiam
evando animal por animal, com mão segura, pelo trecho perigoso. Vencido
ste obstáculo outro se apresenta. O rio Susana estava alto e a passagem
o mesmo constituia um perigo. Lá em baixo uma cachoeira, onde a água fer-
ilhava. Um passo em falso e tudo estaria perdido.

Hesitou-se, neste momento em prosseguir. Entretanto, aque-
es homens estavam decididos a avançar, a chegar de uma vez na terra que
nha escolhilho para trabalhar, para lutar. Enfim decidiram-se e cruzaram
Rio Susana. Momentos depois chegavam ao seu destino. Alegremente descem
s animais, descarregam tudo e fazem fogo.

Os homens imediatamente erguem duas cabanas de taquara e
ssouras. A senhora Tribulack prepara um bom café com pão duro e lingui-
. Todos comem com apetite. Depois de uma jornada longa e penosa eles
ntem-se felizes com aquela refeição. O dia vai desaparecendo, chega a
ite. Todos dormem descansados. No dia seguinte despertam alegremente e

Fls. 022

felizes porque estão em casa, na terra que escoheram eles erguem os seus braços para o alto, rendendo graças ao bom Deus.

Concluímos aqui parte do texto da Revista Erechim. Relatamos a seguir dados que são de nosso conhecimento, conforme documentos em nosso poder e relatos que nos foram feitos.

Paulo Kumpolt e Tribulack, se adataram a terra e cultivaram suas colonias. Otto Eduardo Müller, regressou à Erechim (hoje Getúlio Vargas), onde trabalhou como carregador de taboas em serraria na localidade de Sertão. Tornou-se ajudante de serrador. Foi também nessa localidade que enfeitou seu primeiro de Natal em sua nova Pátria, sozinho no mato, enfeitou a árvoree cantou Noite Feliz, costume que trouxe de sua terra natal e manteve no decorrer de toda a sua vida, transmitindo com muito carinho a seus descendentes, pois sempre em todos os natais era ele que enfeitava a árvore juntamente com os filhos e netos.

Em Sertão e Erechim (G. Vargas), suas atividades forma para as firmas Biehof e outra de nome Alexandre Mehlhorn Filho, sendo que nesta última já como balconista e ajudante de escritório. Em 1914, já estava em Paiol Grande, hoje séde do Município de Erechim, exercendo suas atividades na casa comercial de Miguel Herrmann, casado com a Viúva Otilia Bolze. Neste mesmo ano Otto Eduardo Müller casou com Hedwig Bertha Bolze, filha do primeiro matrimônio de Otilia Bolze.

Fls. 023

024

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Câmara Municipal de Erechim

Poder Legislativo

COMISSÃO DE JUSTIÇA E REDAÇÃO

PROTOCOLO N.º:

PROCESSO N.º: 264/91

AUTOR: Vereador CEZAR AUGUSTO CALDART

MATÉRIA: PROJETO DE LEI LEGISLATIVO Nº 064/91

EMENTA: DENOMINA UM CENTRO SOCIAL URBANO DE NOSSA CIDADE DE "OTTO EDUARDO MULLER":-

RELATOR: Ver. ELEONIR JOSÉ GOLLIN

PARECER: CONSTITUCIONAL

Para emissão do respectivo PARECER, estamos recebendo das mãos do Sr. Presidente da COMISSÃO DE JUSTIÇA E REDAÇÃO, PROJETO DE LEI LEGISLATIVO Nº 064/91 de autoria do nobre Vereador CEZAR AUGUSTO CALDART, pelo qual denomina Um Centro Social Urbano de nossa / cidade de "OTTO EDUARDO MULLER".

Após a análise da documentação, optamos pela sua CONSTITUCIONALIDADE, haja vista de que o mesmo está inserido na atual Legislação.

Encaminhamos aos demais membros da COMISSÃO, e após / ao Plenário para sua tramitação final.

CÂMARA MUNICIPAL, 14 DE NOVEMBRO DE 1.991

ELEONIR JOSÉ GOLLIN
Relator

ACOMPANHAM O PARECER:

CÂMARA MUNICIPAL DE ERECHIM
APROVADO PELA COMISSÃO
DE JUSTIÇA E REDAÇÃO
Reunião: 21 / 11 / 19 91
PRESIDENTE

CÂMARA MUNICIPAL DE ERECHIM
APROVADO
Reunião: 25 NOVEMBRO 19 91
HELLY LUIZ PARENTI - Vice Presidente em Exercício

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Câmara Municipal de Erechim

Gabinete da Presidência

209/91 - CM Erechim, Rs 26 de Novembro de 1.991

Senhor Prefeito:

Ao cumprimentá-lo, cordialmente, vimos por meio do presente, levar ao conhecimento de Vossa Excelência, que em data de 25 de Novembro de 1.991, reuniu-se Ordinàriamente Esta Casa de Representação Popular, e na ocasião tramitaram na pauta da ORDEM DO DIA, PROJETOS DE LEI, de origem / do Legislativo, abaixo relacionados e anexados ao presente , para os devidos fins.

- PROJETO DE LEI LEGISLATIVO Nº 064/91 - Autoria Vereador CEZAR AUGUSTO CALDART - DENOMINA UM CENTRO SOCIAL URBANO DE / NOSSA CIDADE DE " OTTO EDUARDO MULLER".
APROVADO POR UNANIMIDADE.

- PROJETO DE LEI LEGISLATIVO Nº 066/91 - Autoria Vereadores / LUIZ ANTONIO TIRELLO e JOSELITO LUIS DAL MÁS - DENOMINA ARTÉRIA EM NOSSA CIDADE DE " EDUARDO STEFANOS ZAAR"
APROVADO POR UNANIMIDADE.

- PROJETO DE LEI LEGISLATIVO Nº 068/91 - Autoria Vereador CEZAR AUGUSTO CALDART - DENOMINA ARTÉRIA EM NOSSA CIDADE DE " / AVENIDA JÚLIO ANZANELLO".
APROVADO POR UNANIMIDADE.

- PROJETO DE LEI LEGISLATIVO Nº 069/91 - Autoria Vereador / LUIZ ANTONIO TIRELLO - MESA DIRETORA DOS TRABALHOS LEGISLATIVOS - CONCEDE AUMENTO DE VENCIMENTOS, PROVENTOS, AOS INATIVOS E CARGOS EM COMISSÃO DO PODER LEGISLATIVO DE ERECHIM, RS.
APROVADO POR MAIORIA DE VOTOS.

Sendo o que se oferece para o momento, reiteramos os votos de estima e consideração.

Atenciosamente

HELLY LUIZ PARENTI
Vice Presidente em Exercício da Presidência.

Exmo. Sr.
Bel. ELOI JOÃO ZANELLA
DD. Prefeito Municipal
N e s t a

DG. 05

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

PREFEITURA MUNICIPAL DE ERECHIM

Secretaria de Administração

LEI Nº 2363, DE 27 DE NOVEMBRO DE 1991.

DENOMINA UM CENTRO SOCIAL URBANO EM NOSSA CIDADE DE "OTTO EDUARDO MÜLLER".

ELOI JOÃO ZANELLA, Prefeito Municipal de Erechim, Estado do Rio Grande do Sul, FAÇO SABER, em cumprimento ao disposto no Artigo 64, Inciso V da Lei Orgânica do Município, que o Poder Legislativo Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º - É dada a denominação a um Centro Social Urbano em nossa cidade de "OTTO EDUARDO MÜLLER".

Art. 2º - O Centro Social Urbano, localiza-se na Rua Antonio Zuchi, s/nº esquina com a Rua João Paulo I, no Bairro Presidente Vargas.

Art. 3º - A placa indicativa no Centro Social Urbano, bem como impressos e outros dicumentos, conterão os seguintes dizeres:
CENTRO SOCIAL URBANO - "OTTO EDUARDO MÜLLER".

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 5º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ERECHIM, RS., 27 DE NOVEMBRO DE 1991.

ELOI JOÃO ZANELLA
Prefeito Municipal

REGISTRE-SE E PUBLIQUE-SE
Data Supra

LUIZ FELIPE DE MARCHI
Secretário de Administração

NP.